

O MÁGICO DE VERDADE: UM OLHAR PARA A PRODUÇÃO LITERÁRIA DE GUSTAVO BERNARDO

Ana Angélica Ferrazi
Luiz Carlos Cichini
Silvana Trindade
Suélin Rodrigues da Silva
(PG – UENP / FAFIJA)
Penha Lucilda de Souza SILVESTRE (Orientadora – UENP / FAFIJA)

Resumo

Em *O mágico de Verdade*, publicado em 2006, Gustavo Bernardo proporciona momentos de prazer e dúvida ao leitor que mergulha no universo dessa narrativa, cheia de mistérios e reflexões sobre os seres humanos. Toda a trama é feita através do diálogo entre o apresentador do “Programa de Domingo” e o Mágico de Verdade, convidado para somar pontos à audiência, mas que, no decorrer do programa, transcende os limites do ilusionismo e prova ser realmente um mágico. Este trabalho tem por objetivo analisar os aspectos estruturais, temáticos e formais do livro de Gustavo Bernardo *O mágico de verdade*, publicado em 2006, embasado nos estudos de João Luis C. T. Ceccantini, Maria Zaira Turchi, Maria Alice Faria e Nelly Novaes Coelho a respeito da literatura infanto-juvenil, linguagem, qualidade e estética literária.

Palavras-chave: *O mágico de verdade*, prazer e dúvida, literatura infanto-juvenil.

Introdução

A literatura infanto-juvenil no país tem passado por um rigoroso processo de transformações nos séculos XX e XXI. Como fonte de análise e pesquisa, a literatura produzida no Brasil ainda não possui um número significativo de obras, mesmo quando se tem em mãos as publicações deste período em relação a outros países como, por exemplo, a Inglaterra.

A literatura infanto-juvenil no país desde Monteiro Lobato, nas décadas de 20 e 30, já vinha tentando firmar e expandir-se, mas somente conheceu o seu *Boom* nos anos 70 e 80. Sobre isso, Nelly Novaes Coelho afirma que “a literatura infanto-juvenil dessa época passa a obedecer a novas palavras de ordem: criatividade, consciência da linguagem e

consciência crítica, uma vez que o homem faz parte do processo criador do mundo a sua volta” (COELHO, 200, p. 130). Sendo assim, o que seria um dado preocupante, torna-se motivo de orgulho e provoca um forte sentimento de vitória; porém, o caminho de escritores e pesquisadores que se dedicam à literatura infanto-juvenil é ainda muito árduo.

Apesar de não ter como desvencilhar a literatura de adultos desta outra dedicada aos mais jovens, esta tem de deixar de ocupar a posição marginal que faz parte de sua história, pois se deve ter em mente que existe um leitor-criança e um leitor-jovem que necessita sentir-se integrante de uma sociedade que irá torná-lo um cidadão consciente, questionador do mundo a sua volta. Nesse sentido, entende-se que a leitura é um dos principais mecanismos de interação entre a infância e o mundo adulto que os cercam sem a constante necessidade de um pedagogismo.

Maria Zaira Turchi, no texto intitulado “O estético e o ético na literatura infantil”, organizado por Ceccantini, diz que “escrever para crianças não é dominar artifícios que venham a preencher um rótulo, mas é ser capaz de expressar-se dentro de uma ética de uma troca significativa em que o leitor se sinta tomado parte do mundo da literatura.” (TURCHI, 2004, p.38)

Atualmente existem importantes pesquisadores como João Luis C. T. Ceccantini, Nelly Novaes Coelho, J. Oliveira entre outros nomes muito relevantes na literatura infanto-juvenil da sociedade brasileira. Significativo também são os escritores que se dedicam a esse público como: Lygia Bojunga Nunes, Pedro Bloch, Mary Buarque, Sílvia Orthof, Marcos Rey, Ziraldo, Pedro Bandeira, Ana Maria Machado, Ricardo Azevedo entre tantos outros.

Dentre todos esses escritores um importante nome é Gustavo Bernardo, autor de *O mágico de verdade*, livro que será analisado neste trabalho.

O Autor e sua obra

Gustavo Bernardo Galvão Krause é carioca, mestre em Literatura Brasileira e Especialista em Literatura Comparada. Atualmente é professor de Teoria da Literatura no Instituto de Letras da Universidade do Rio de Janeiro. Estuda as relações entre a Filosofia e o Ceticismo. É o autor de muitos ensaios, resenhas, artigos e desde 1975 dedica-se a escritura de livros como: *Pálpebra* (1975), *Pedro Pedra* (1982), *Me-nina* (1989), *Alma de Urso* (1999), entre outros, sendo *Reviravolta* e *O Mágico de Verdade* os mais recentes escritos em 2007.

O autor é ganhador de muitos prêmios, como o “Prêmio Orígenes Lessa” e “Prêmio Jabuti” em 2000 e a Menção Honrosa em 2003 na categoria “Teoria da Literatura”. Tornou-se um dos autores mais recomendados em se tratando de literatura para crianças e jovens.

Em *O Mágico de Verdade* Gustavo Bernardo fala sobre o universo infanto-juvenil, narra com agilidade, humor e ironia a história de um apresentador que oferece em seu programa o prêmio de um milhão de reais ao telespectador que descobrir os truques daquele que se intitula Mágico de Verdade. Este, por sua vez, convidado apenas para somar pontos na audiência do programa, faz uma reviravolta na vida do telespectador, dos técnicos da emissora e do próprio apresentador.

Entre levitações, transformações, restaurações e diálogos profundamente filosóficos, no decorrer dos quatro programas, o Mágico de Verdade deixa de ser uma simples atração. O autor insere a ficção e a filosofia sem tornar-se chato, já que aguça a curiosidade do leitor induzindo-o a pensar e a tentar decifrar a identidade do Mágico de Verdade, ora gerando um intenso prazer, ora gerando a mais enorme das dúvidas.

Elementos estruturais e os elementos da narrativa

A obra, em sua totalidade, é organizada em forma de diálogo, o qual se dá predominantemente entre as personagens do mágico e do apresentador.

O Mágico é uma personagem envolta em mistério, capaz de assumir formas diferentes e operar os mais diversos prodígios. Em seu diálogo com o apresentador mostra-se bastante culto, filosófico e irônico. Seu objetivo é provar que é um mágico de verdade e levar a humanidade a refletir sobre suas atitudes: “[...] Não ia deixar passar a chance, não é? [...] Sinto muito, mas não posso declinar a minha idade. Talvez no final da série de programas isso seja possível, mas por enquanto não [...].” (BERNARDO, 2006, p. 34)

O apresentador é a personagem que traduz os vícios dos profissionais que trabalham para transmitir ao público telespectador a programação, muitas vezes capitalista, da televisão. Mostra-se descontraído, com falas coloquiais, de modo a incorporar, de acordo com sua aparência e atitudes, os apresentadores mais conhecidos da televisão brasileira: “[...] Foi isso mesmo que vocês ouviram, um milhão de reais: o número um seguido de seis zeros. É mole ou quer mais? [...]” (BERNARDO, 2006, p.10)

No que se refere ao tempo, este é cronológico, pois a narrativa se desenrola no espaço de um mês: “Boa tarde, Brasil. Boa tarde, Planeta Terra. O Programa de Domingo

entra no ar no terceiro dia do seu Concurso de Mágica de Verdade [...]” (BERNARDO, 2006, p. 42). Mas também se apresenta um tempo psicológico, quando é um convite a reflexão com as idas e vindas do mágico no decorrer do tempo: “[...] meu pai era um Mágico de Verdade, meu avô era um Mágico de Verdade, meu bisavô era um Mágico de Verdade e assim por diante, até provavelmente o início de todos os tempos [...]” (BERNARDO, 2006, p. 14).

Quanto ao espaço engloba todo o universo, ou seja, tudo aquilo que o homem é capaz de ocupar. A narrativa, a princípio, concentra-se num “micro-espaço”, o programa de auditório: “Boa tarde Brasil, auditório, telespectador [...], aplausos para o espetacular Corpo de Baile do Programa e suas belíssimas bailarinas e, finalmente, aplausos para mim mesmo que eu mereço [...]” (BERNARDO, 2006, p. 9).

Mas durante sua evolução, o espaço se amplia e toma as dimensões de todo o universo, já que este faz parte da reflexão proposta pelo mágico: “Já estamos chegando. Saímos nesse instante da nuvem sobre Alexandria”. (BERNARDO, 2006, p. 66)

A obra possui um narrador onisciente eufórico, o qual abre espaço para que o leitor penetre totalmente na história e se questione sobre as dúvidas provocadas pelo mágico acerca da existência e atitudes humanas. Toda ela é feita em formato de diálogo, onde somente aparecem as vozes das personagens, como se fosse uma peça teatral. Não há, pois, a intermediação do narrador, que deixa o caminho aberto para que o leitor se sinta à vontade e bem mais próximo da história: “[...] *Meu caro apresentador. Quer dizer que você não acredita mais que haja qualquer truque. / É. Acho que não* (BERNARDO, 2006, p. 72).”

Análise temática: críticas sociais em *O mágico de verdade*

Gustavo Bernardo transmite várias críticas sociais com *O mágico de verdade*, de forma a levar o leitor jovem a se posicionar em relação às injustiças sociais cometidas no país e no mundo. Destacam-se, entre elas a má distribuição de renda, uma vez que a existência de poucos ricos e milhares de pobres é denunciada durante o diálogo do mágico e do apresentador, o qual reclama não poder participar da disputa pelo prêmio e possuir um baixo salário. Mas é desmascarado pelo mágico: “Meu caro apresentador, lembre-se que o senhor não pode ganhar o prêmio de um milhão de reais, do qual, aliás, nem precisa, pois o prêmio é inferior ao seu salário mensal [...]” (BERNARDO, 2006, p. 16).

A situação da escola pública é outro aspecto relevante, pois, ao exhibir seus conhecimentos de geografia durante uma brincadeira, afirmando que Nova York era a capital dos Estados Unidos, o apresentador mostra-se desapontado com a situação da escola pública

de hoje, muito diferente daquela de alguns anos atrás, quando a qualidade, segundo ele, era outra:

[...] Estudei em escola pública, na época em que a escola pública era uma escola de verdade. Aliás, esta podia ser uma mágica do Mágico de Verdade. Transformar a escola pública de hoje numa escola de verdade com professores de verdade ganhando salários de verdade e fazendo seu trabalho de verdade, sem fingir que ensinam e sem deixar que seus alunos finjam que aprendem. Essa vai ser dura de fazer [...]. (BERNARDO, 2006, p. 30)

Em sua segunda apresentação o Mágico de Verdade faz com que a estátua do Cristo Redentor desça do pedestal e sente-se sobre ele, ficando na mesma posição da famosa escultura de Rodin, *O Pensador*. Dessa forma, a imagem do Cristo adquire aspectos ainda mais humanos, principalmente em sua atitude de reflexão sobre o que a humanidade tem feito nestes mais de dois mil anos de cristianismo. Assim, os seres humanos veriam uma nova volta de Jesus Cristo que, através de uma imagem de pedra, novamente se fez homem para por um fim aos vícios da humanidade, daí a sua humanização:

Se a estátua se tornou maciça, o seu peso multiplicou pelo menos por dez. Engenheiros calcularam esse peso e garantiram que seria suficiente para afundar o pedestal onde Jesus agora está sentado e, ainda por cima, rachar todo o mirante em volta. Entretanto, isso não aconteceu, como se o que ali se encontrasse fosse o corpo de um homem – ainda que gigantesco - e não o corpo de uma estátua de pedra [...].(BERNARDO, 2006, p.44)

Diante da posição nova do Cristo Redentor, todos são levados a parar e refletir sobre tudo o que fizeram de suas vidas nos últimos tempos. Tendo em vista o lado religioso abordado com essa mágica, as pessoas passam a acreditar naquilo que sempre ouviram, mas que também sempre ignoraram: a punição, o julgamento de nossas ações, boas ou más, através daquele que veio para salvar a humanidade, há dois mil anos, de seus pecados: “[...] Se marginais perigosos se entregam à Polícia com medo do Cristo Sentado, juízes saem à rua bêbados e gritando que, se Cristo sentou, é porque Deus não existe! [...] (BERNARDO, 2006, p. 43).

O texto de Bernardo também faz uma crítica à liberdade de expressão. Sabemos que vivemos em uma sociedade onde todos têm o direito de ir e vir e de defender suas idéias, desde que não vão contra o que regem as leis. Nesse sentido, a censura da época da ditadura é retomada quando o presidente, ao fazer seu pronunciamento, mostra-

se pressionado por autoridades governamentais maiores – como os Estados Unidos – a proibir a transmissão do programa. Em tempos modernos, uma proibição desse tipo seria um retrocesso aos anos de silêncio proporcionado por esse vergonhoso período pelo qual passou o nosso país:

[...] Como viram, o Presidente procurou tranquilizar a população a respeito da apresentação de hoje. Explicou para os brasileiros que, em respeito ao princípio da liberdade de expressão, decidiu permitir esta apresentação. Mais não disse, porém pode-se deduzir que ele sofreu fortes pressões para proibir a transmissão do programa deste domingo. [...] acho que o Mágico de Verdade não fez nada de errado. Fazer sentar a imagem do Cristo Redentor nunca foi proibido por lei - até porque nunca se imaginou que isso fosse possível [...]. (BERNARDO, 2006, p.47-48)

A Biblioteca de Alexandria ressurgirá da terra com todas as suas obras, papiros, pergaminhos e códices que lá existiam. O conhecimento humano será reavaliado, verdades serão desmascaradas pelo conhecimento que há séculos foi perdido:

[...] Por favor, espantem-se com o que poderão estudar nos próximos anos, corrigindo tanto erro, tanta omissão, tanta mentira em nome de um pensamento que quis reinar único e totalitário sobre todos os outros pensamentos [...]. (BERNARDO, 2006, p. 72)

Ao final da obra, o Mágico surge em sua forma original: um centauro, o que representa um retorno ao mundo clássico, perfeito, onde tudo era explicado pela ação harmônica de vários deuses. Uma época em que o homem vivia num círculo impenetrável, o qual foi quebrado a partir do momento em que ele passou sentir-se como parte central do mundo; a ficção, o imaginário, dá lugar ao homem, um ser questionador e transformador:

[...] Nasci no bosque que fica ao lado do templo de Posêidon, em Atlântida. Esse bosque se chamava Solidão: dentro dele morava o anjo que desde o início roubou meu coração. Segui meu destino por muitos lugares, entre eles o Monte Olimpo, Camelot, El Dorado, Shangri-Lá, Liliput e Pasárgada. Há quem diga que esses lugares não existem, logo, que eu mesmo não existo. Boato de gente desinformada. Eu sou mais verdadeiro do que o meu querido apresentador, e também mais verdadeiro do que os caríssimos telespectadores [...]. (BERNARDO, 2006, p. 93)

No que se refere à linguagem, observamos que a identidade do mágico e as ironias do apresentador são identificadas nas entrelinhas do texto, o que garante a coesão e a coerência:

[...] Pois foi quando eu nasci que soube descender de uma **linhagem** de mágicos. (BERNARDO, 2006, p.15).

[...] Mas o senhor não pode estar aqui hipnotizando todo mundo para vermos o que estamos vendo e sentirmos o que estamos sentindo, tudo isso não pode ser uma alucinação coletiva? [...] (p.22)

[...] **Lembro-me sempre do que diziam** os antigos estóicos [...]. (p.60)

[...] Como um homem do espetáculo, o senhor está tentando provar que tenho interesses humanos, logo, que sou **apenas** humano [...]. (p.62)

A linguagem coloquial é recorrente. Tanto a fala do mágico quanto a fala do apresentador são acessíveis ao público a que se destina. Em todo o texto há linguagem fluída e agradável, o que não torna o texto enfadonho, enfatizando o que muito defendeu Maria Alice de Oliveira Faria quando afirma que “o texto literário contemporâneo deixou de se apresentar como modelo de língua padrão, para o aprendizado da língua materna em situações comuns de comunicação.” (FARIA, s/d, mimeografado, p.1)

O autor inteligentemente utiliza-se de várias linguagens sociais, culturais não se restringindo apenas a linguagem verbal:

Também não estão reconhecendo nenhuma das personalidades? Porque aqui não se homenageiam nem políticos nem guerreiros. Todas as estatuas que ornamentam a entrada da Biblioteca são de bibliotecários. Senhores, deixem-me apresenta-los: este é Demétrio, de Faléreo; aquele, Zenôdoto, de Éfeso [...]. (BERNARDO, 2006, p. 69)

Reconhecemos a intertextualidade como outro aspecto de que se apropria Gustavo Bernardo em sua obra, como em *A Revolução dos Bichos*, de George Orwell: obra em que os bichos se revoltam contra os homens, assim como aconteceu na mágica do quarto programa, na qual os animais voltaram a falar e a criticar as atitudes humanas, mostrando que na verdade os homens é que se comportam como animais; ou então em “Alladim e a lâmpada maravilhosa”, quando o Mágico e o apresentador fazem a viagem até Alexandria, voando em um tapete mágico, além da figura dos apresentadores de televisão.

No entanto, a intertextualidade mais visível acontece com a linguagem não verbal, ao serem comparadas duas obras de arte: “O Cristo Redentor”, do polonês Paul Landowski, e “O Pensador”, de Auguste Rodin. O mágico faz com que o Cristo assuma a posição do pensador, ocorrendo não somente um intertexto visual, mas com os dois momentos históricos em que as estátuas foram produzidas.

Considerações Finais

Percebe-se na obra de Gustavo Bernardo, *O Mágico de Verdade*, um forte envolvimento ficcional e filosófico. Tem-se uma interação entre a realidade e o mundo da imaginação numa linguagem acessível ao público a que se destina.

Conduzido ao mundo real o jovem é capaz de questionar o mundo atual, o que o leva a ter determinadas atitudes inconcebíveis em qualquer época ou até mesmo perguntar-se “quem eu sou?” “Para onde vou?”

Todo o livro é um presente à reflexão. O mundo contemporâneo com seus monopólios políticos, guerras e desentendimentos entre cristãos e muçulmanos, a fome, a AIDS, o poder da mídia, enfim, trata-se de um convite ao jovem para que faça parte do seu mundo, pense sobre ele e defina uma posição. Tantas informações estão colocadas com desenvoltura e em nenhum momento o livro torna-se chato ou enfadonho. Trata-se então de um autor perfeitamente sintonizado com o seu tempo e com os inúmeros problemas que assolam a humanidade na atualidade.

Tem-se em *O Mágico de Verdade* uma ótima leitura.

Referências

- BERNARDO, Gustavo. **O mágico de verdade**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006. p. 102.
- COELHO, Nelly Novaes. A literatura infantil: um objeto novo. In: **Literatura: arte, conhecimento e vida**. São Paulo: Petrópolis, 2000. (-Série Nova Consciência)
- FARIA, Maria Alice. **Purismo e coloquialismo nos textos infanto-juvenis**. (mimeógrafo). Assis, SP: Unesp, s/d.
- TURCHI, Maria Zaira. “O estético e o ético na literatura infantil”. In: CECCANTINI, João Luis C. T. (organizador). **Leitura e literatura infanto-juvenil: memória de Gramado**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis, SP: Anep, 2004.